

A Sala de Aula Contemporânea The Contemporary Classroom

Catílcia Prass LANGE

Resumo: Este texto faz uma referência a um artigo da revista VEJA que fala sobre a sala de aula atual e associa à discussão trazida em RAMPTON, 2009 sobre uma mudança histórica na participação de sala de aula. Com isso, convida os professores a refletirem sobre sua própria realidade de trabalho nas escolas e a operarem nessa nova ordem comunicativa.

Palavras-chave: Sala de aula; participação exuberante; nova ordem comunicativa.

Abstract: This text makes a connection between an article from the Brazilian magazine VEJA about the present classroom and the discussion presented in RAMPTON, 2009 about a historical change in classroom participation. With that, this text invites teachers to reflect upon their own working reality in the schools and to operate in this new communicative order.

Key Words: Classroom; exuberant participation; new communicative order.

1 Introdução

Em uma reportagem de capa da revista VEJA¹ sobre educação, lemos a seguinte chamada: “Muitos professores e seus compêndios enxergam o mundo de hoje como ele era no tempo dos tálburis². Com a justificativa de “incentivar a cidadania”, incutem ideologias anacrônicas e preconceitos esquerdistas nos alunos”.

Ao passar os olhos pela reportagem ainda poderemos ver Paulo Freire sendo chamado de “autor de um método de doutrinação esquerdista disfarçado de alfabetização” e referências à “distorção gigantesca das prioridades educacionais dos senhores docentes, de uma deformação no espaço-tempo tão poderosa que talvez ajude a explicar o fato de eles viverem no passado”.

Convido então, os “senhores docentes que ainda vivem no passado” (tomando emprestado o “simpático” vocativo utilizado pela jornalista da matéria da VEJA) a pensarem comigo sobre como anda a nossa sala de aula do presente.

Das linhas da reportagem citada acima parece emergir a clássica pergunta que já ouvimos

¹ reportagem da Edição 2074 de 20.08.2008, da revista VEJA ver http://veja.abril.com.br/200808/p_076.shtml

² Tálburi é um carro de duas rodas e dois assentos (tíbureiro e passageiro), sem boléia, com capota, e puxado por um só animal. Foi inventado por Gregor Tilbury, na Inglaterra, em 1818, e trazido ao Rio de Janeiro como transporte coletivo, através da França, em 1830. Texto retirado do site da Wikipedia ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%ADlburi>.

tantas e tantas vezes durante a profissão: “onde está o conteúdo?” Por mais que o professor invista na preparação de aulas com o objetivo de que o aluno vá além, pense criticamente, se posicione no mundo, sempre somos questionados quanto à “matéria”. Pais, alunos e a comunidade em geral parecem pontuar uma boa educação por uma equação simples: cadernos cheios = aprendizagem.

A sala de aula atual já não tem a mesma configuração que tinha há tempos atrás. A sequência de interação clássica: professor pergunta-aluno responde-professor avalia já não domina tão intensamente como antes dominava as salas de aula espalhadas pelo mundo. Muitos estudantes demonstram não aceitar a estrutura de participação centrada exclusivamente no professor. Rampton nos mostra, através de sua pesquisa, que a interação tradicional de sala de aula está perdendo espaço para uma nova ordem comunicativa.

Pensando sobre essa sala de aula do mundo moderno, Ben Rampton nos traz a descrição de uma sala de aula de uma escola estatal em Londres, frequentada por alunos de baixa renda e diferentes contextos linguísticos que nos faz refletir sobre muitos aspectos que vivenciamos diariamente nas salas de aula brasileiras, que muitas semelhanças têm com essa que Ben Rampton tão bem nos apresenta em seu livro *Language in Late Modernity: Interaction in an Urban School*, ainda sem tradução para o Português.³

2 Language in Late Modernity: Interaction in an Urban School

Rampton (2006) abre seu livro dizendo que pesquisas sobre salas de aula são frequentemente vistas como chatas. Mas já avisa que em vez de recapitular o que todo mundo de fora pensa que sabe, o livro nos convida a chegar mais perto do que realmente é vivido e experienciado por alunos e professores no dia-a-dia da sala de aula e acompanhar este dia-a-dia de professores e alunos em uma escola de Londres, a Central High, na turma 9A, com alunos por volta dos 14 anos de idade, com diferentes línguas maternas, a maioria deles filhos de imigrantes.

Rampton realiza um estudo orientado pelas tradições da etnografia escolar. Ele esteve presente a várias aulas, fez anotações de campo, falou com os alunos, gravou e transcreveu sequências de fala das aulas e equipou alguns alunos individualmente com microfones para gravar as conversas privadas dentro e fora das aulas. Com os dados apresentados pelo autor podemos acompanhar seu raciocínio em relação à mudança na estrutura de participação de sala de aula e traçar paralelos com nossa própria experiência enquanto alunos e professores.⁴

³ A Linguagem na Modernidade Tardia: Interação numa Escola Urbana (Tradução da autora).

⁴ Ver também: Garcez, P. M. (2008b). Resenha de *Language in late modernity: Interaction in an urban school*. *Language and Education*, 22(3), 257-260 e Amaral, D., & Frank (de Ramos), I. (2009, abril). Novos arranjos. *Educação*, 144, 56-59.

Encontramos nos dados os alunos cantarolando nas aulas, passando doces uns para os outros, usando alemão em outras aulas que não as de alemão, exagerando na estilização de sotaques, tais como *Posh* e *Cockney*⁵, dentre outras atividades interacionais. Ao analisar os dados que trazem algumas das atividades internacionais citadas acima, o autor lança mão de diversos autores para fundamentar suas análises, formando uma cuidadosa e bem estruturada colcha de retalhos que, por vezes, é difícil de ser compreendida por quem não tem as leituras trazidas como apoio à análise.

Dentre os principais aspectos discutidos pelo autor na obra, destaco o apontamento do autor para uma possível mudança histórica na interação de sala de aula e sua discussão a respeito do que nomeia como “participação exuberante” para apresentar ao leitor deste artigo. Proponho então, que o leitor me acompanhe baseando-se na sua experiência de sala de aula, para que juntos possamos refletir sobre o que se passa na sala de aula atual.

3 Mudança Histórica

A sequência IRA (iniciação-resposta-avaliação) é considerada canônica na fala-em-interação em sala de aula e é muitas vezes através dessa sequência em andamento que reconhecemos que o que os participantes estão fazendo juntos naquele momento é uma “aula”. Normalmente o professor inicia a sequência com uma pergunta da qual já sabe a resposta, o aluno responde e o professor tem o turno seguinte para avaliar essa resposta, podendo levá-la ao encontro do que está esperando como resposta “certa”. Ou seja, essa organização pode estar fortemente ligada à noção de reprodução do conhecimento, uma vez que, de acordo com esse princípio, só pode haver uma verdade, uma resposta correta que, normalmente, é a que o professor espera. Segundo Garcez: “trata-se de construir, ou simplesmente aceitar, o que é trazido como verdade pelo participante que atua na capacidade de professor” (Garcez, 2006, p. 70).

No entanto, apesar de canônica e de ser uma pista muito forte de que onde ela aconteça exista uma “aula”, a estrutura IRA não é obedecida sem questionamento pelos alunos na sala de aula descrita por Rampton. Uma série de segmentos é apresentada no texto para demonstrar como acontece a participação dos alunos nas aulas, e o que vemos nesses excertos são alunos participando em momentos que antes eram somente do professor. Observamos alunos completando a fala do professor sem serem solicitados, alguns dizendo para os outros ficarem quietos e para fazerem o que o professor solicitou, alunos avaliando as respostas de outros colegas, ou seja, tomando a palavra num lugar que antes, de alguma forma, “pertencia” somente ao professor.

⁵ O sotaque *Posh* está vinculado à classe alta e é o sotaque de prestígio da Inglaterra, enquanto o *Cockney* é associado à periferia.

Rampton aponta em seu estudo para diferentes formas de protesto em relação à sequência IRA por parte dos alunos, pois meninos e meninas demonstravam o seu protesto de maneiras distintas. Enquanto alguns meninos pareciam “invadir”⁶ a sequência canônica de fala-em-interação de sala de aula (IRA), sempre se inserindo em momentos do discurso que antes eram reservados somente ao professor, sendo muitas vezes legitimados por ele e fazendo cada vez mais “participações exuberantes”, algumas meninas faziam o possível para se manter distantes da sequência IRA, conversando baixinho entre elas, e fazendo questão de demonstrar que estavam sendo coagidas a participar quando o professor assim exigia. Além disso, Rampton aponta que “houve ocasiões, por exemplo, em que os professores foram contraditos, criticados e tiveram seus comentários sobre a conduta dos alunos publicamente contestados” (p. 48).

Assim sendo, uma sala de aula que não apresente a estrutura que para ela vem sendo considerada padrão pode ser facilmente confundida com o “caos”. O que não seria nada anormal, visto que o modelo IRA vem sendo há muito reconhecido como o modelo dominante de instrução em sala de aula, e a falta deste modelo pode levar quem está de fora a pensar automaticamente em caos e desordem, pois está fugindo da ordem já instaurada e conhecida da sequência IRA.

No entanto, é possível ser otimista dentro desta nova ordem comunicativa que se configura, pois, onde há um deslocamento da hegemonia do professor, os alunos têm mais autonomia no processo de aprendizagem. O professor deixa de ser aquele que tudo decide e tudo sabe em sala de aula e se abre um espaço para que os alunos participem mais, opinem sobre o currículo, dêem sugestões, enfim, construam essa aula junto com o professor sendo também responsáveis sobre ela e sobre seu próprio aprender.

Rampton aponta que, apesar de os alunos não estarem seguindo a ordem canônica e, de muitas vezes, estarem fazendo “participações exuberantes” (participando de forma não muito convencional: cantando, chamando atenção ou debochando de alguma coisa que ocorreu na aula) eles estão, de algum-modo, engajados no que está acontecendo dentro do espaço aula e estão contribuindo para o andamento da atividade. Em seu texto, o autor britânico cita Candella, 1999, ao comentar que resistência ao modelo tradicional não significa resistência à aprendizagem.

Aquela maneira que nós estamos acostumados a lembrar como sendo uma boa aula parece estar dando sinais de mudança e de teias de aranha há bastante tempo. Os alunos não aceitam mais calados tudo o que o professor diz, eles questionam, manifestam suas opiniões, dão sugestões, e a maneira como participam tem mudado a configuração da aula. Autonomia do aluno, não era isso por que nós, professores, sempre lutávamos? Não era isso que queríamos?

⁶ Aspas no texto original de Rampton, p. 72.

Na nova configuração, portanto, levando em conta o estudo de Rampton e de Candella, devemos pensar duas vezes antes de chamar uma aula de “bagunça” ou de “caos”. A aprendizagem e o engajamento dos alunos pode estar acontecendo nessa sala de aula e o aparente caos pode ser apenas manifestação da nova ordem comunicativa e uma forma de ir contra a estrutura IRA. Difícil mesmo é convencer alguns pais, professores e “jornalistas” de que os tempos são outros, que a estrutura de participação de sala de aula sofre mudanças também e que, mesmo assim, a aprendizagem pode existir e ser legítima.

A modernidade trouxe muitas mudanças, e não foi somente trazendo ipods, mp3s, computadores e celulares para dentro da sala de aula para disputar nossa atenção com os alunos... Ela tem ajudado também a modificar as estruturas de participação na sala de aula, forçando professores e alunos a construir juntos uma nova maneira de “fazer aula”.

4 Considerações finais

Essa nova configuração de aula é um novo desafio a cada dia e não é à toa que um artigo do jornal *The New York Times*⁷ fale de uma escola onde os professores ganharão um salário de 125 mil dólares (quase duas vezes mais do que a média e muito mais do que ganhará o diretor nessa mesma escola), apostando em um educador cada vez mais qualificado e preparado para enfrentar o inesperado diariamente.

Um salário justo para os professores que têm que lidar com os alunos fazendo da aula todo o tipo de imprevisto. Entrar na sala de aula é um desafio e uma novidade a cada dia e é para profissionais que estejam dispostos a enfrentar tudo isso que a futura escola acena com este salário.

Rampton investigou de perto essas mudanças. Com seu livro nos mostra a escola de uma maneira realista, através de uma sala de aula que podemos acompanhar com os excertos apresentados e nos reportar para nossas próprias experiências o tempo todo.

A visão trazida não tem nada de idealista, ela mostra aquela sala de aula tal como é, sem dizer que tudo é fracasso ou que tudo é sucesso. Ela é como é, não como estão nos manuais pedagógicos ou na mente dos idealistas, ou no saudosismo hipócrita de alguns que dizem “no meu tempo que era bom, a gente aprendia e respeitava o professor”, ou no texto de alguns jornalistas que pensam saber tudo sobre educação e afirmam que os professores nada fazem além de incutir ideologias esquerdistas nas inocentes cabecinhas dos alunos que só fazem reproduzir o que os professores autoritários mandam.

⁷ VEJA reportagem completa em:

http://www.nytimes.com/2008/03/07/nyregion/07charter.html?pagewanted=1&_r=1

É importante salientar que o conteúdo e o currículo que muitos ainda clamam e querem que seus filhos encontrem nas salas de aula têm muito da representação de uma estrutura de participação e de poder que talvez possa não ter mais espaço em muitas das salas de aula, portanto não teria mais razão de ser. No entanto, é importante ressaltar que sabemos que nem todas as salas de aula estão funcionando nesta nova ordem e que todas elas têm suas particularidades, ou seja, podem ter semelhanças ou diferenças à descrita por Rampton mas nunca serão iguais à ela.

Alunos e (alguns) professores querem liberdade, querem poder construir conhecimento e trocar experiências. De nada adianta preparar uma aula baseada somente na sequência IRA, acreditando que só o professor vai falar e selecionar o próximo aluno para falar, que tudo vai ocorrer conforme o planejado, que os alunos vão fazer e acatar sem reclamar tudo o que o professor propuser, pois não é isso o que vai acontecer, pelo menos não na sala de aula descrita por Rampton e nem em muitas daquelas com que nos deparamos diariamente ou de que temos notícias por aí.

Enquanto nós professores estamos lutando por minutos de atenção em meio a tantos outros estímulos, ainda somos surpreendidos ao ler reportagens que mostram que ainda existem pessoas que acham que estamos em sala de aula com todos os olhares atentos sobre nós, fazendo tudo o que pedimos sem contestar, como se tivéssemos em frente de fiéis seguidores prontos a acatar qualquer de nossas propostas sem hesitar. A frase da *VEJA* que diz que “com a justificativa de ‘incentivar a cidadania’, incutimos ideologias anacrônicas e preconceitos esquerdistas nos alunos” parece tão sem sentido se olharmos para como as coisas realmente acontecem dentro daquelas quatro paredes! Em que século será que vivem essas pessoas que acreditam ser possível trazer o velho currículo enciclopédico e a velha sequência professor-pergunta-e-aluno-responde-sem-questionar para as salas de aula atuais? Será que não são essas as pessoas que enxergam o mundo como no tempo do títburis?

Referências

GARCEZ, M. P. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Calidoscópico*, Unisinos, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 66-80, jan/abr 2006.

GOOTMAN, E. *The New York Times*. Publicado em 07 de março de 2008. Disponível em: http://www.nytimes.com/2008/03/07/nyregion/07charter.html?pagewanted=1&_r=1. Acesso em 17 de outubro de 2008.

RAMPTON, B. *Language in Late Modernity: Interaction in na Urban School*, 1ª ed. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

WEINBERG, M. e PEREIRA C. Revista VEJA, ed. 2074 de 20.08.2008, da revista VEJA.
Disponível em: http://veja.abril.com.br/200808/p_076.shtml. Acesso em 17 de outubro de 2008.